



“A infância é um antigamente que sempre volta”: representações da angolanidade no romance *Bom Dia Camaradas*, de Ondjaki.

Suzana Pilar Lopes Cardoso Gutierrez¹

Resumo:

O projeto *Etnicidades: entre Bahia e Angola* investiga as figurações e reconfigurações identitárias fundadas na africanidade e as que emergem da reconstrução diaspórica da afro-descendência ou da afro-baianidade, através de diálogos contemporâneos entre Bahia e Angola. Nesse projeto, insere-se o meu estudo do romance *Bom Dia Camaradas*, do jovem escritor angolano Ondjaki (Ndalú de Almeida), focalizando as representações da africanidade angolana e seu posterior confronto com a poética da africanidade baiana em textos dos *Cadernos Negros*. A partir do mapeamento do romance africano, bem como das leituras de fundamentação teórico-crítica e histórica, serão apresentados os resultados parciais da investigação: a identificação e a análise das representações da racialidade e da angolanidade que podem ser lidas na obra, articulando-as à história colonial e nacional angolana (guerra civil até o pós-guerra).

Palavras-chave: Angola, Africanidade, Angolanidade, Infância, Ondjaki.

Dentro do projeto *Etnicidades: entre Bahia e Angola*, se encontra o meu plano de trabalho - *Bom Dia Camaradas* e *Cadernos Negros*: africanidade angolana e diaspórica, que fará o estudo do romance do jovem escritor angolano Ondjaki (Ndalú de Almeida), e seu posterior confronto com a poética da africanidade baiana em textos dos *Cadernos Negros*.

Nesta comunicação serão apresentados os primeiros resultados parciais da pesquisa, iniciada em maio, relativos ao romance *Bom Dia Camaradas*, ou seja, o mapeamento das representações da história colonial e nacional angolana – a **angolanidade** - tendo em consideração o conceito de “etnicidade fictícia” de Etienne Balibar (1991) e o modelo de nacionalismo angolano do pós-independência.

Ndalú de Almeida é Ondjaki, pseudônimo que em umbundu significa guerreiro. Nasceu em Luanda em 26 de novembro de 1977, dois anos depois da independência do seu país, sendo descendente de portugueses, angolanos e um bisavô cônsul holandês. A

¹ Bolsista do projeto *Etnicidades: entre Bahia e Angola*, financiado pelo Permanecer UFBA - Programa de formação integrada e apoio social aos estudantes da UFBA. E-mail: suzetepilar9@hotmail.com

origem familiar de Ondjaki pode ser lida como uma síntese da história colonial angolana, pois corporifica a história narrada, por exemplo, por Pepetela, em *A gloriosa família*, que traz como uma de suas questões o processo da mestiçagem do povo angolano.

Estudou em Angola até ao 10º ano, graduou-se em Sociologia na ISCTE - Lisboa em 2002, e atualmente, é doutorando da Universidade Oriental de Nápoles. Ondjaki é poeta, roteirista e romancista, interessa-se pela interpretação teatral e pintura, já tendo realizado duas exposições individuais, em Angola e no Brasil; escreve para cinema - co-realizou um documentário sobre a cidade de Luanda, “Oxalá cresçam Pitangas”, de 2006. É o membro mais novo da União dos Escritores Angolanos.

Lançou-se na escrita em 1993, criando o Nganza Times, ainda na escola. Frequentou em Lisboa um curso de escrita criativa, que afirma ter sido um marco na produção dos seus textos.

Bom dia Camaradas (2003) narra a fase do pós-independência bem como a guerra angolana da década de oitenta e o dia-a-dia da cidade de Luanda, através do olhar de um narrador-menino. O ponto de vista é de uma criança mestiça da classe média, que, privilegiada por ter um pai funcionário do governo, transita entre o universo dos colegas de escola e dos adultos, como a tia vinda de Portugal, o cozinheiro de sua casa, Camarada Antônio, sua família, além dos professores cubanos que atuavam em Angola na década de oitenta. Existe na obra uma narrativa da cidade e de suas questões sociais, políticas e econômicas, sendo, segundo o autor, quase tudo verdade, tendo só o tempo dos acontecimentos sido alterado.

Ondjaki através da frase “A infância é um antigamente que sempre volta” resume a estratégia de usar a infância, tema universal, para falar da singularidade da Luanda do final do século XX, rememorar a história e o cotidiano de um país no qual a independência e a constituição do estado Nacional ocorreu no contexto peculiar de um regime socialista. Ele toma para si a função de menino-narrador, nos transportando através dos fortes odores e das vivências da infância. Reaviva em nós prazeres invejáveis da meninice, em um tom delicado e lírico e, ao mesmo tempo, muito divertido.

O ponto de vista do romance é o de uma criança descobrindo-se entre os colegas, vivendo em meio a emoções, sentimentos, curiosidades e estórias, contadas ao decorrer do enredo de uma forma agradável e sutil. De um “miúdo” – com o se diz em Portugal e Angola – que domina um linguajar repleto de expressões locais, que extravasa uma

grande ingenuidade em suas percepções, e em meio a pensamentos e ações faz a história de seu país ser contada de lugar não marcado e, de certa forma, não ideologizado ou partidarizado, pois emana da singeleza e inocência de uma criança. Índícios das diversas dimensões dessa narração, através das percepções da criança sobre as questões importantes do continente africano, podem ser apresentados na passagem:

[...] “Também se aprendia muita coisa, porque a propósito disso, por exemplo, do ANC², é que o meu pai nos explicou quem era o camarada Nelson Mandela, e eu fiquei a saber que existe um país chamado África do Sul, onde as pessoas negras tinham que ir para casa quando tocavam a campainha, às seis da tarde, que elas não podiam andar no machimbombo³ com outras pessoas que não fossem negras também... Foi também assim que percebi porquê que os sul-africanos eram nossos inimigos, e que o facto de nós lutarmos contra os sul-africanos significava que nós estávamos a lutar contra “alguns” sul-africanos, porque de certeza que essas pessoas negras que tinham um machimbombo especial para elas não eram nossas inimigas. Então também percebi que, num país, uma coisa é o governo, outra coisa é o povo.” (p.28)

O trecho citado explicita como este olhar ingênuo do menino traz em si um viés histórico e político da África no século XX. Ao chamar Nelson Mandela, então perseguido na África do Sul, de camarada, tratamento usual entre os partidários do socialismo, enfoca-se a solidariedade do regime angolano de então com a luta contra o apartheid. Questiona-se, ao mesmo tempo, a rivalidade de a África do Sul, que realizava ataques sistemáticos contra Angola, com a justificativa que este país fornecia armas aos guerrilheiros da vizinha Namíbia, rica em ouro e outros minerais, sendo que o maior interesse dos sul-africanos era a derrubada do governo socialista angolano e de outros que surgiam na África, que poderiam estimular a luta contra o apartheid.

A angolanidade aqui pode ser definida como a construção e expressão de uma identidade de grupo centrada na pertença a uma nação. Kandjiimo (1997) nos fala que:

“A ilustração da angolanidade inscreve-se naquele imperativo que visa impugnar a prática artificiosa do “assimilacionismo colonizador, o dualismo cultural, com vista a definição dos traços essenciais duma identidade nacional”, como diria Mário Pinto de Andrade. E diz mais: “a angolanidade requer enraizamento cultural e totalizante das comunidades humanas,

² ANC: Congresso Nacional Africano.

³ Machimbombo: ônibus em kimbundu.

abarca e ultrapassa dialecticamente os particularismos das regiões e das etnias, em direcção à nação”. (...) Tenha-se em conta, a título de exemplo, que para a construção do Estado e da Nação, é fundamental a representatividade étnica no plano institucional (...). Kandjiimo (1997)

A indagação da criança – “Mas camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre”? (p. 17) – questiona a posição conservadora do velho cozinheiro da sua casa, em relação ao fim do colonialismo português, nos mostra uma dimensão da complexidade político-ideológica que atravessava a sociedade angolana pós-independência e a importância do processo de escolarização (das crianças) para construção do sentimento de pertença à nova nação.

Durante os movimentos de libertação colonial no continente africano, os grupos guerrilheiros buscavam financiamento e treinamento em países de orientação socialista e revolucionária, como Cuba ou Leste Europeu, para assim lograr êxito em suas ações. Com a Guerra Fria, EUA e URSS buscaram alargar sua área de influência na África. Em Angola, os EUA estabeleceram relações com a Frente Nacional para Libertação de Angola - FNLA , e mais tarde com a União Nacional para a Independência Total de Angola - Unita, passando a União Soviética a apoiar o Movimento Popular de Libertação de Angola - MPLA, colaborando especificamente com armamentos e conselheiros militares. O trecho abaixo expõe, através da conversa do menino com sua tia, a problemática angolana no plano dos confrontos entre-nações, que afetaram profundamente a breve história do país recém-independente e que fizeram deste, um palco para embates e conflitos de carácter transnacionais:

[...] “- Mas porquê essa praia é dos soviéticos? – agora sim ela estava mesmo espantada. – Não sei, não sei mesmo. Se calhar nós também devíamos ter uma praia só de angolanos lá na União Soviética...”[...] (p.57)

Um outro aspecto significativo da situação do país que tem clara repercussão na história da criança e, conseqüentemente, na narrativa, foi a presença de cubanos em Angola, como aliados do MPLA, contra a Unita, apoiada pela África do Sul, e a FNLA, pelo Zaire e EUA, quando estes últimos atacaram o território angolano. A pedido do MPLA, Cuba manda tropas para impedir estes ataques, derrotando as adversárias no dia 10 de novembro e em 11 de novembro de 1975 é proclamada a independência, formando-se a República popular de Angola, sendo Agostinho Neto, líder do MPLA, o

primeiro presidente. As tropas cubanas permanecem em Angola até o início da década de noventa, para assegurar proteção contra os ataques da Unita, patrocinados por África do Sul e EUA. (MENEZES, 2000)

Bandeira (1998) nos fala da participação de Cuba nas lutas de libertação colonial de alguns países africanos, ressaltando que:

“Sua atuação, como ator global, transcendeu, porém, os aspectos meramente militares, dado que enviou também centenas de médicos, técnicos e especialistas em agricultura, saúde pública, hotelaria e várias outras atividades, não apenas para Angola e Etiópia como para os mais diversos países do Terceiro Mundo”[...]. Essas ‘missões internacionalistas’, tanto militares quanto civis, foram consistentes com os princípios ideológicos sempre evocados por Fidel Castro, mas, certamente, gratuitas não foram.” BANDEIRA (1998)

Esta colaboração é expressa na obra em diversas lembranças da criança, referentes aos ideais revolucionários dos professores cubanos enviados à Angola, referidos nas seguintes passagens:

[...] “ – Já viste o que é, vir para um país que não é o deles, vir dar aulas ainda vá que não vá, mas aqueles que vão para frente de combate... Quantos angolanos é que tu conhece que iam para Cuba lutar numa guerra cubana? ”[...] (p.77)

“ Na minha cabeça chegou uma mistura de frases: um brinde a partida de tantos cubanos, um brinde ao fim do contacto com os camaradas cubanos...um brinde a Cuba, por favor, um brinde a Cuba, ... um brinde à vontade, à entrega, à simplicidade dessas pessoas, um brinde ao camarada Che Guevara, homem importante e operário desimportante, um brinde aos camaradas médicos cubanos, um brinde a nós também, as crianças, as ‘flores da humanidade’, ...um brinde ao futuro de Angola neste novo rumo, um brinde ao Homem do amanhã...um brinde ao Progresso!” (p.108)

A construção da angolanidade que pode ser lida no livro é permeada pelo tema guerra, que é recorrente na narrativa, inicialmente pelo fato de Angola ter passado por uma dura e longa guerra de libertação colonial que teve início na década de 60 e encerrou-se em meados da década de 70, com a derrocada do regime ditatorial português e a revolução dos cravos.

O clima da época era de intensificação e internacionalização da guerra em Angola devido ao envolvimento crescente dos Estados Unidos e África do Sul ao lado da Unita, e da URSS e Cuba ao lado do MPLA. O apoio estrangeiro a cada grupo em luta, espelhava claramente a Guerra Fria na África, e os interesses econômicos pelo petróleo e diamante da região.

É de fundamental importância no livro este binómio guerra/paz visto na maioria das falas da criança, guerra esta que para o próprio Ondjaki (2006):

“ É e será uma espécie de textura da nação ainda por alguns anos, e é forçoso que saibamos cicatrizar essa ferida sem fingimentos e sem pressas de anunciar, a nós ou aos outros, que toda a dor já passou. Qualquer nação, enquanto corpo social, leva décadas a sarar e se recuperar de um conflito com a multiplicidade e a dimensão que o nosso teve.” (ONDJAKI, 2006 *apud* MURARO, 2006)

O miúdo nos traz um relato do que não pode passar despercebido para a compreensão da história recente do país. Ele nutre a esperança da paz, às vezes desacreditada, e convive com a guerra vista na maioria das vezes com naturalidade, mas no fundo prevalecendo o desejo de que esta acabe o mais rapidamente possível, explicitando isso através das suas indagações:

“ – Parece é paz que vai chegar, menino...Ontem tavam a falar lá no bairro.

- Tavam a falar de que? Da paz?

- Hum...Parece vamos ter paz...

- Ó António, e tu acreditas nisso? Há quantos anos é que ouves essa conversa?

- Pode ser, menino, pode ser...” (p.120)

“Guerra também aparecia sempre nas redacções, experimenta só mandar um aluno fazer uma redacção livre para ver se ele num vai falar da guerra, até vai já...Guerra vinha nos desenhos (as akás⁴, os canhões monacaxito⁵), vinha nas conversas..., vinha nas pinturas na parede (os desenhos no hospital militar),

⁴ Akás: AK47 (metralhadora)

⁵ Monacaxito: designação corrente de um canhão de quarenta bocas.

vinha nas estigas⁶ (“teu tio foi na UNITA combater, depois voltou, tava a reclamar lá tinha bué de piolho...”), vinha nos anúncios da tv (“ó Reagan⁷, tira a mão de Angola...!”), e até vinha nos sonhos (“dispara Murtala, dispara porra!”)[...] (p.131)

Balibar (1991) nos fala que nenhuma nação moderna possui uma base “étnica” dada, mas se serve de uma “etnicidade fictícia”, ou seja, uma comunidade instituída pelo Estado Nacional que equivale a uma fabricação, produção de um povo. Nesta, as pessoas estão unidas através de um sentimento de pertencimento à nação como se juntas formassem uma comunidade natural, que transcende os indivíduos e as condições sociais. Estes fatores que são indispensáveis, segundo o autor, para dar base ao estado nacional, não correspondem ou não encontram eco na história angolana do pós-independência, o que evidencia a problemática elaboração do sentimento que podemos chamar de angolanidade.

Em *Bom Dia Camaradas* a história da Nação angolana é reconstituída á partir da memória de uma criança, que cresce quase concomitantemente com o país e passa por fases de amadurecimento e mudança. Um menino que tem quase a mesma idade do país e vivencia no dia-a-dia os conflitos que marcam momentos de transição social, política e guerras constantes em todo o seu território, devido à tensões internas, como a disputa do poder entre MPLA e Unita, e pelas forças externas representadas por União Soviética, Cuba, EUA e África do Sul.

A produção do povo, o sentimento de pertencimento de que nos fala Balibar (1991), foi em grande parte constituída através da insegurança e das ameaças da guerra, fator que fortaleceu o sentimento de nacionalidade naquele país, e produziu na criança a reiterada esperança do fim da guerra, a utopia e a espera do progresso, audíveis nos trechos a seguir:

“ No largo, um camarada do Ministério da Educação veio distribuir bandeirinhas vermelhas, amarelas, umas do país, outras do MPLA....Toda gente tinha bandeirinha,..., os camaradas trabalhadores, o povo que tinha vindo assistir, aquilo tava cheio de cores e muita agitação, também porque o camarada do microfone é que ficava a aquecer as pessoas:
- Um só povo uma só...? – ele.

⁶ Estigas: formas de ridicularizar outrem, usada essencialmente no discurso infantil, podendo mesmo assumir um caráter acintoso.

⁷Reagan (Ronald Wilson Reagan): 40º presidente dos EUA, cumpriu dois mandatos, de 1981 a 1989.

- ...NAÇÃO!!! – nós berrávamos, aproveitávamos sempre para berrar.”
- ...A luta... – CONTINUA!!!!!!!!!!!!!!
- E a vitória? – É CERTA!!!
- ...O MPLA é o povo ... – E O POVO É O MPLA!!!
- Abaixo o imperialismo... – ABAIXO!!!
- Obrigado, camaradas... (p.83 e 84)

REFERÊNCIAS

BALIBAR, Etienne. A forma nação: história e ideologia. In: WALLERSTEIN, Immanuel & BALIBAR, Etienne. *Race, Nation, Class: Ambiguous Identities*. London & New York: Verso, 1991.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 687 pp. 1998.

KANDJIIMO, Luís. **Angolanidade: o conceito e o pressuposto**. In: Apologia de Kalitangi, ensaio e crítica. Luanda: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1997. Disponível em: <<http://www.nexus.ao/kandjimbo/kalitangi/>>. Acesso em: 27 set. 2007.

MENEZES, Solival. **Mamma Angola: sociedade e economia de um país nascente**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, Fapesp, 2000.

MURARO, Andrea Cristina. **Entrevista com Ondjaki**. As 'prendisajens' poéticas em Ondjaki: dimensões da metáfora 'xão'. 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ONDJAKI. **Bom dia camaradas**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

_____. <http://groups.msn.com/ONDJAKI/>>último acesso em 07 de set. de 2007.